



AÇÃO POPULAR NOS BAIRROS DE SALVADOR

*Sistematização de
experiências na
década de 1980*

Organizador
Valdisio Fernandes



INSTITUTO BÚZIOS, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, reconhecida pelo Ministério da Justiça (Processo MJ nº. 08026.001014/2004-04).

Endereço: Rua Professor Isaías Alves de Almeida, 222 Ed. Chapada dos Guimarães, Sala 34B, Costa Azul.

CEP:41.760-120, Salvador – Bahia

Telefones: 71.9102-3139 / 71 3342-4707

e-mail: buzios@institutobuzios.org.br

2008

Salvador - Bahia

SUMÁRIO

OBJETIVOS GERAIS DO MOVIMENTO DE BAIROS

DIAGNÓSTICO DA REALIDADE - ESTUDO SOCIAL

RELAÇÃO VANGUARDA / MASSA

TRABALHO CULTURAL NOS BAIROS

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA COMUNITÁRIA

EDUCAÇÃO / ALFABETIZAÇÃO POPULAR NOS BAIROS

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

ENTIDADES GERAIS DO MOVIMENTO

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIROS DE SALVADOR – FABS

MOVIMENTO DE DEFESA DOS FAVELADOS - MDF

CENTRAL DE MOVIMENTOS POPULARES - CMP

RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE BAIROS COM OS NÚCLEOS E COORDENAÇÕES ZONAIS DO PT

OBJETIVOS GERAIS DO MOVIMENTO DE BAIROS.

Numa formação social como a nossa, em que as particularidades do Capitalismo dependente empurram para os bairros e/ou favelas carentes de condições mínimas de vida, enorme parcela da população, o trabalho político nestes locais de moradia tem grande importância para o desenvolvimento da luta que travamos contra o sistema capitalista. Para que entendamos o desenvolvimento desordenado e acelerado das cidades, devemos atentar para dois processos simultâneos: por um lado, o grande contingente de trabalhadores que migram do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho; por outro lado, nas cidades, apesar de constituírem-se em Metrôpoles, o seu efeito de atração sobre a população é maior que a sua capacidade de emprego e de atendimento a saúde, educação e habitação.

A população desses bairros e/ou favelas, tem uma composição diversificada, que vai desde operários assalariados (ligados aos setores de serviços, construção civil), até o chamado semiproletariado (biscateiros, guardadores de carros). Além disso temos um grande contingente de donas de casa e pequenos comerciantes. devemos ficar atentos a esses setores não operários, identificando suas particularidades, pois, no trabalho de bairros, devemos trabalhar igualmente com os setores operários e os não operários.

A atividade operária e suas lutas se dão na produção dos bens da sociedade (universo de produção), enquanto as lutas dos bairros se dão em torno do consumo desses bens (universo de consumo). Por isso é que em ambos os setores, os objetivos políticos de classe unificam suas lutas, mas existem particularidades tanto no processo de organização como encaminhamento destas lutas. Reflete-se nos bairros e/ou favelas a contradição Capital X Trabalho existentes nas fabricas, onde se coloca o choque direto entre operários e patrões, do ponto de vista da lutas econômicas. No bairro coloca-se o conflito do operário e dos setores populares, com a sociedade capitalista de forma global, representada pelo Estado burguês “responsável” pelas condições de vida nestes locais. A clara percepção destas questões nos permite compreender melhor a relação entre o trabalho nos bairros e/ou favelas e o trabalho fabril e suas respectivas especificidade no processo de luta.

É evidente que a principal frente de trabalho deve ser o Movimento Sindical, por ser este setor a principal força organizada no interior do proletariado, no processo de transformação revolucionária da sociedade.

Os trabalhadores, participam em lutas de fábricas, nos bairros e nos sindicatos. Mas, é nas fábricas onde os trabalhadores sentem mais intensamente suas contradições com o atual sistema. Por isso devemos centrar esforços no Movimento Sindical, sem contudo, assumirmos uma posição dogmática, não compreendendo o peso de cada frente de

trabalho na construção da revolução socialista, em cada conjuntura e na realidade concreta.

Neste sentido, devemos entender que entre os objetivos do trabalho nos bairros está o de articular-se com o Movimento sindical, fortalecendo as lutas fabris e sindicais, orientando os trabalhadores a participarem das lutas de suas categorias e atuarem nos sindicatos.

DIAGNÓSTICO DA REALIDADE - ESTUDO SOCIAL

Enquanto direção e força revolucionária, temos também que nos preocupar com critérios políticos mais definidos, para traçarmos uma linha de prioridade sócio-geográfica, em relação às áreas e bairros ou invasões mais importantes a serem atingidas. Na escolha de bairros prioritários não devem pesar apenas os aspectos objetivos (população numerosa, grande concentração do proletariado), mas também os aspectos subjetivos (tradição de luta, presença de contato de bom nível político, movimentações no momento atual, etc). Existem vários métodos para pesquisarmos a realidade local:

1. Levantamento direto, através da vanguarda emergente, realizando entrevistas com os moradores e lideranças locais (que conhecem alguns problemas locais, sendo esses conhecimentos mais ou menos superficiais e insuficientes), sendo portanto necessário conhecer mais em profundidade a extensão desses problemas, para melhor qualificar a nossa atuação nos bairros.
2. Levantamento indireto através de documentação já existente com relatórios, estudos e dados estatísticos.

Nos interessa conhecer:

- a) As condições geográficas das áreas, proximidades ou não com centros industriais importantes.
- b) A população, sua origem, sua composição de classes.
- c) Os recursos sociais: abastecimento de água, luz, esgoto, transporte, mercado, saúde pública e assistência médica. Cabe hierarquizar os principais problemas e necessidades sociais.
- d) As instituições governamentais, ou não, de natureza assistencial que existam no local:
- e) A legislação e os direitos legais dos moradores.
- f) modo de vida da população, o modo de sentir, a linguagem.
- g) As tradições, costumes e usos.
- h) A sua história, como e quando surgiu.
- i) As organizações de massas existentes, sua importância real.
- j) Identificar e caracterizar as organizações de direita e seus representantes.

Temos que centrar forças nos locais prioritários e trabalhar secundariamente com os contatos que surgem em áreas consideradas secundárias. Estes conjuntos de dados, pesquisas, sistematizações nos permitirá maior clareza para elaborar uma política de prioridades.

Além disso, as lutas por melhorias nos bairros, tais como: água, esgoto, escolas, saneamento, urbanização, saúde, creches, etc., cumprem uma função social determinada para a comunidade em questão, e não devem ser vistas apenas como forma de penetração para atividade política.

Porem, se cada uma dessas melhorias cumpre uma função social particular, sabemos que as diversas frentes de trabalho existentes num determinado bairro não se sustenta isoladamente. Assim devemos ter bem claro a importância das diversas frentes de trabalho em cada bairro, por exemplo: a luta por água deve envolver os jovens, as mulheres, deve ser discutida na escola, etc; o grupo de teatro deve trabalhar em cima das lutas existentes, auxiliando e reforçando-as. Na verdade, o trabalho de bairro é o trabalho conjunto de frentes de um local de moradia, articulado através de sua entidade representativa. A separação dessas frentes além de ser burocrática, leva a um distanciamento de nosso objetivo político geral, de elevar o nível de consciência e organização dos moradores, podendo cair no mero assistencialismo. Só a integração de todas essas lutas permite que os moradores vejam o conjunto dos seus problemas e sua capacidade de luta. nesse aspecto, da integração dos moradores do bairro e unificação de sua lutas, é que se coloca a importância da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES como instrumento de luta capaz de realizar esta tarefa, representando de fato os anseios do povo em cada bairro.

Enfim, ao desenvolver o trabalho de bairro, nosso objetivo geral é o mesmo que temos no Movimento sindical e nos demais setores populares, que é fazer a revolução socialista.

Lutar pelo socialismo, hoje, nos bairros, é principalmente desenvolver as lutas por melhores condições de vida, que é um objetivo permanente das massas populares. Porém, esta luta por melhores condições de vida só terá consequência se não visar apenas as melhorias imediatas, mas se estiver a serviço da mobilização, conscientização e organização, o que implica em adequar às lutas parciais um processo de agitação e propaganda política. Assim, toda intervenção nos bairros populares, todas as lutas por melhorias, as atividades de lazer, cultura, etc., devem se dar no sentido de cumprir este objetivo geral. Da mesma forma, o nosso trabalho político partidário e eleitoral devem visar, não somente a derrota eleitoral do governo e a eleição de socialistas para o parlamento, mas essencialmente, a mobilização popular.

RELAÇÃO VANGUARDA / MASSAS

Uma das tarefas principais dos socialistas no dia de hoje é a transformação do PT no Partido dirigente das classes trabalhadoras, na perspectiva da construção do Socialismo no Brasil. As correntes de esquerda que estão hoje, fora do PT, são apenas o PCB e PC do B. ¹ Temos que deixar claro para a sociedade que o único partido, hoje capaz de lutar contra o capitalismo e apontar formas de organização do imenso contingente das massas exploradas é o PT.

É fundamental compreender que para que isso ocorra as direções do PT devem estar ligadas às massas na sua vida cotidiana, e não só em períodos eleitorais. Existem direções afastadas da vida diária das massas que não são capazes de no momento eleitoral se fazer entender.

A riqueza do movimento de massas faz surgir direções intermediárias (vanguarda emergente), numerosas lideranças surgidas nas lutas concretas travadas pelos trabalhadores e pelo povo, sem que tais lideranças sejam forjadas de uma ideologia marxista revolucionária. Neste sentido, a tarefa de construção partidária no Brasil passa pela fusão da vanguarda política com essa direção intermediária das lutas. Isto significa, em outras palavras, a necessidade da esquerda revolucionária buscar um processo de integração com as massas populares. Portanto, é necessário acompanhar de perto essa luta, participar delas, conviver com o povo, integrar-se no seu dia-a-dia. Só assim essa fusão se dará plena e satisfatória, fazendo surgir uma verdadeira vanguarda política, o destacamento avançado das classes trabalhadoras. Essa é uma grande tarefa dos socialistas hoje: fazer com que a vanguarda emergente se transforme em vanguarda política ideológica.

No trabalho de bairro não podemos subestimar essa questão da integração com as massas, nem nos limitar a cumprir uma determinada função social numa comunidade, e nada mais. Não devemos relutar em assumir uma política de integração mais ofensiva (e devemos combater os que relutam).

É correto procurar uma integração mais efetiva com a comunidade local tal como: jogar futebol, participar das festas locais, bloco de carnaval, etc. O erro está em separar tudo isto da política. Evidentemente que pensar em se integrar com as massas sem ter a política no posto de comando é cair no populismo barato. dentro de algum tempo estaríamos extremamente integrados a comunidade, mas constataríamos que o nível de consciência e organização da massa não teria se elevado. Contudo, a atitude inversa é tão prejudicial quanto o populismo. trata-se de só mostrar interesse em discutir política com a massa. como se a política fosse algo totalmente à parte da vida cotidiana das massas. Essa é uma visão doutrinária e elitista.

Devemos procurar, tendo uma linha política como diretriz, a maior integração possível com a população local. O objetivo é ter a relação mais profunda possível com a massa e

¹ Excetuando-se o MR 8 desse campo, considerando seu acentuado processo de direitização.

politizar ao máximo essa relação. O mais importante é estar integrado a vida do bairro e ser reconhecido como alguém que participa efetivamente da vida comunitária.

A construção da vanguarda política significa forjar essa direção nas lutas concretas, ou seja transformar a vanguarda emergente na direção política a partir de uma sistematização e orientação política dessas lutas. Devemos colocar a política no posto de comando na nossa atuação nos bairros populares. Nesse sentido é errôneo considerar direção todo aquele morador que se ressaltar pelo seu discurso “mais radical”. Devemos ter cuidado com o investimento político nas pessoas que de direção tenham exclusivamente um discurso mais politizado. Muitas vezes são pessoas imobilistas, distantes das lutas, descrentes da luta no momento travada, cheia de desvios ideológicos, apesar do domínio do discurso político. A verdadeira vanguarda política se forma nas lutas e não fora delas. Por isso, o fortalecimento do nosso projeto de um Brasil socialista depende não somente da vanguarda político / ideológica hoje organizada, mas também do avanço de um movimento de massas fortes e unificado sob sua direção. Assim, ao intervir nos bairros o nosso objetivo é fazer desenvolver as lutas e a organização das massas, e a partir delas nos aproximarmos da parcela avançada e não o contrário, que seria “ganhar moradores” desconsiderando as lutas por interesses reais (mesmo que imediatos) das massas.

Na relação com a vanguarda emergente local devemos buscar evitar duas atitudes. A primeira é a de abafar a tal direção e procurar substituí-la na relação mais direta com a massa. A outra atitude oposta, ou seja, o imobilismo, a errônea compreensão de que o nosso papel é só de travar a luta ideológica, ajudar a elevar o nível de consciência, mas não de participar diretamente de nenhuma luta, pois também é incorreto ficarmos a margem das lutas políticas e econômicas locais, como se não tivéssemos nada a ver com isso. Como elemento plenamente ligado a vida comunitária local, toda luta é nossa luta: Temos um papel, inclusive, de politizar nossa relação com a direção social do local para que essa direção assuma e dirija as lutas.

Os companheiros de bairros, devem ter uma preocupação, com o discurso, muitas vezes viciado, com uma linguagem tipicamente intelectual ou do “politiquês” - o que leva a uma dificuldade no processo de integração. Não se trata, evidentemente de mudar totalmente nossa linguagem, nossa maneira de ser, começando a “falar errado” ou a “andar mal vestido” de maneira típica que o pequeno Burgês tem para fantasiar-se de popular. Mas trata-se de ter o “jogo de cintura” necessário para evitar os excessos de nossa postura e linguagem elitista.

Na nossa relação com a massa e com a vanguarda emergente local temos de aplicar sempre o método materialista da crítica e autocrítica, como o único que nos permite realmente avançar no rumo da superação dos nossos erros e desvios. Isto implica em reconhecer o papel desta direção mas negar-se a ter uma postura de “donos da verdade absoluta”. ‘É necessário viver e aprender com a massa. Por outro lado, é preciso compreender que existe diferenças entre ser liderança e ser vanguarda emergente. Uma grande liderança de massas, não é necessariamente um dirigente político. é neste sentido que precisamos ir além no processo de gestação dessa vanguarda emergente, oferecendo alternativas claras no campo da organização política aos elementos mais avançados. Existe de forma mais ou menos corrente, em vastos contingentes da esquerda opinião de que é bom ter uma certa moderação no tratamento das questões propriamente políticas no seio dos movimento sociais para não assustar a massa, ou ainda por achá-la inapta para compreender as coisas da política.

Pois bem, essa atitude de moderação acaba, invariavelmente, por excluir a política da pauta de relacionamento dessa direção com a massa, levando-as quando muito, a falar

das questões e lutas econômicas e a fazer uma propaganda meio espontânea da questão do socialismo enquanto uma forma de organização econômica da sociedade do futuro, sem refletir mais claramente sobre o fato de que a condição para a construção dessa nova forma de sociedade está na questão da tomada de poder pelo proletariado e seus aliados.

Essas limitações presentes na vanguarda emergente do movimento de massas, encontram-se motivadas por duas ordens de problemas. Numa concepção espontânea adquirida historicamente da relação formal que a esfera política sempre guardou com as necessidades objetivas das massas, e que sempre levou essas parcelas de ativistas a deixar a realização da política nos limites daquilo que a burguesia considera "lugar oficial e institucional" para tanto. Evidentemente alguns companheiros protestam com veemência diante de tal afirmação dizendo que ficam constrangidos em levar política para o meio do povo com receio de se isolar ou ainda, por respeitarem o nível de consciência das massas. Por mais justos que pareçam esses temores uma coisa é certa: quem irá realizar semelhante tarefa senão os que estão comprometidos no processo de lutas das massas?. Se a massa evoluísse espontaneamente, a partir da sua consciência da marginalização econômica que sofre, sem a necessidade de construção de uma tática e de uma estratégia política que oriente a construção e prática do trabalho de base, não estaríamos aqui preocupados com a revolução socialista, pois as lutas econômicas por si só já teria libertado há muito tempo os explorados pela opressão capitalista

Todavia, o certo reboquismo patrocinado pelo respeito que se devotou ao atraso das massas, refletiu-se no grau de construção de uma direção política atrasada para o movimento de massas, num período histórico mais recente.

Realmente não há como negar os erros e a falta de compreensão da maioria da esquerda para aplicação de uma linha de massas justa, que devido a secundarização do movimento popular, sempre a colocou falando de fora da dinâmica desse movimento, e nesse sentido, pautando-se por um radicalismo verbal e por um agitacionismo doutrinário pouco organizador.

O constrangimento em levar uma prática propriamente justa junto as massas não tem o menor fundamento na realidade imediata. Todo o clima de agitação social que mergulhou o país a partir do momento em que os trabalhadores se fizeram presentes na cena política com o surgimento do PT, abriram um imenso campo de trabalho político junto as massas. Lastimavelmente, esse espaço não tem sido devidamente ocupado pelas forças realmente comprometidas com os interesses do proletariado. Ao contrário o que temos assistido é a perplexidade com que essas correntes se portam diante da luta política em curso. Perplexidade esta que vai tendo como resultado deixar em aberto um espaço político que vem sendo em certa medida, ocupado pela burguesia, como bem, demonstra o desempenho de políticos oportunistas em bairros populares.

O PT é nesta conjuntura, um elemento de fundamental importância como instrumento de politização dos moradores dos bairros populares, é o melhor instrumento para viabilizar uma relação política orgânica entre as vanguardas emergentes e as amplas massas populares. Ele permite não somente a ampliação da propaganda propriamente política, como é ainda um canal, escola de aprendizado de uma prática político partidária articulada.

Algumas forças de esquerda tem dificuldade em perceberem como se dá esta ligação, o que as levam muitas vezes, a uma prática equivocada. Vão para os bairros procurando entrar em contato com os trabalhadores, e através dos locais de moradia, interferir na luta fabril e sindical, usando esta frente de bairros como mero instrumento de penetração

no Movimento sindical, ignorando que nos bairros e favelas existem outros setores sociais e esquecendo as especificidade das lutas por melhores condições de vida nestes locais. Evidentemente que ao não darem a devida importância as lutas nos bairros, não percebem como o trabalho de bairro se articula com o Movimento sindical, no enfrentamento das lutas econômicas e políticas nesta conjuntura e na perspectiva de construção do Universo de Produção e Consumo Socialista.

TRABALHO CULTURAL NOS BAIRROS

O trabalho cultural nos bairros populares, assumiu durante a ditadura militar, um papel relevante no seio do movimento popular como um dos principais canais (além dos trabalhos organizados junto à igreja progressista) de resistência à falta de liberdade de organização das entidades representativas das camadas exploradas da população. Através da articulação e atuação de grupos culturais se deu os primeiros passos para a retomada e reorganização do movimento de bairros em Salvador.

Com a desarticulação do espaço de organização e funcionamento do movimento de bairros, o movimento de cultura popular assumiu uma importante função na luta ideológica contra a burguesia e o capitalismo.

Cabe-nos, no trabalho de bairros, enquanto socialistas a importante tarefa de transformarmos o movimento cultural num instrumento de reforço e consolidação das verdadeiras entidades representativas das comunidades; as Associações de Moradores. Seja através da manutenção de atividades culturais desenvolvidas na própria associação (comissão de cultura, cine-clube, grupo de dança, etc.), ou através de uma atuação conjunta com grupos existentes e consolidados fora da estrutura da entidade (grupo de teatro amador, grupos de mulheres, negros, etc.), buscando sempre o objetivo maior de consolidar a organização independente dos moradores em sua entidade representativa.

CULTURA POPULAR X SISTEMA CULTURAL BURGUEÊS

Sendo o Brasil um país capitalista (sistema social que tem como base a exploração do homem pelo homem), a nossa sociedade é dividida em classes: ricos ou burgueses, classe média ou pequeno Burges, pobres ou proletários. Nesta sociedade de exploração os que possuem os meios de produção exploram a força de trabalho e oprimem os que nada possuem de diversas formas: com baixos salários, alto custo de vida, carga horária desumana, analfabetismo, etc. resolvendo o destino da maioria sem consultá-los, criando uma justiça cega que só enxerga e defende os interesses dos ricos.

SISTEMA CULTURAL BURGUEÊS

Este poderio econômico, social e político da burguesia torna-se poder cultural quando eles tendo em mãos o domínio da educação e de todos os meios de comunicação do país (rádio, televisão, jornais, revistas, cinema, etc, etc.), utiliza-os para impor a ideologia burguesa, que tem como pressuposto básico a desigualdade social de homens e mulheres, que já “nascem” com potencialidade distintas e tem diferentes aptidões, sendo portanto algo “natural” na sociedade, devendo cada homem e mulher utilizar-se dos seus

“méritos” para ascender socialmente, disputando em “igualdade” de oportunidades os diferentes postos do mercado de trabalho. Como se manifesta na prática estas idéias?

A igualdade” na educação é constatada a partir da simples observação das condições materiais nas escolas públicas e do baixo nível de ensino nelas ministrado, que comparando com instituições da elite burguesa perdem de longe. é crescente o número daqueles que ficando sem vagas são obrigados a recorrer as escolas particulares. Nestas escolas de bom nível de ensino, só estudam aqueles que possuem alto e médio poder aquisitivo (fazendo desta situação mais um fator condicionante de concentração de renda, enfim da consolidação das desigualdade sociais.

Observamos então que: os filhos dos patrões são formados nos melhores colégios para serem os patrões de amanhã; o ensino oficial para o povo visa a formação de recursos humanos para utilização acelerada no modelo econômico adotado, e a formação de um exército de mão-de-obra desempregada que serve como meio de pressão usado pelos patrões para conter os salários daqueles que estão empregados. Enquanto isso, a grande parcela dos que não acham estudo nem trabalho passam a ser marginalizados cada vez mais e a se constituir em “casos de cadeia” para as autoridades de nossa sociedade (meninos e meninas de ruas, violência urbana, etc.).

Verificamos com base nestes fatos que a educação que nos dão antes de eliminar, ou pelo menos diminuir as desigualdades, mantém e incentiva o crescimento das mesmas.

Com relação aos meios de comunicação, eles servem de instrumentos para legitimar perante a massa, a exploração que é promovida, mostrando em cada filme, novela, livros, etc., que “naturalmente” as pessoas nascem ricas ou pobre; que os pobres para melhorar a vida basta trabalhar mais, puxar o saco dos patrões e torcer para que um dia eles voltem seus olhos e dê-lhes uma classificação. Os pobres não devem ter ambição nem pressa, pois se Deus pôde esperar 7 dias para fazer o mundo, porque o operário não pode esperar 7, 10, 30 ou 60 anos para melhorar de vida”? “Quem espera sempre alcança”, mesmo que seja depois da morte.

As novelas da Globo (que reúnem em seus horários milhões de espectadores) nos mostram que a vida é um mar de rosas, que a única coisa com a qual precisamos nos preocupar é com a conquista de um grande amor.

Os meios de comunicação em sua maioria limitam-se a realidade social do mundo em que vivem seus ricos proprietários, e quando se reportam a fatos populares, apenas o fazem sob a ótica burguesa de interpretação. O sistema cultural Burges tem bloqueado o desenvolvimento da cultura popular, mediante a criação de uma estrutura psicológica que inculca uma justificação cada vez maior, das taxas de juros e maximização de lucros. Impedindo assim a existência do poder de captação dos problemas sociais, promovendo a alienação, procurando evitar que o povo vislumbre uma alternativa para a situação em que vive.

CULTURA POPULAR

É o acúmulo de conhecimento ou saber popular resultante da compreensão pelo proletariado de sua própria atividade prática, criando assim, convicções que se comprovam no dia-a-dia e são expressas por meio de linguagem, costumes, artes, etc. A arte tem sido o principal meio de resistência do saber popular através da materialização (às vezes da forma mais fantasiada) da aprendizagem popular em objetos, festas, afoxés, etc. (ver bumba-meu-boi no Maranhão, blocos Afros, o caxixi no recôncavo baiano, a

cerâmica paraense, etc. A burguesia tenta descaracterizar este tipo de cultura ou mesmo destruí-la (geralmente transformando essas manifestações em “mercadoria turística”. Assim percebendo, que as concepções nelas expressas sobre a realidade entram em contradição com a educação oficial, hábitos e teorias alienantes que nos são impostos pela cultura oficial, que aos poucos, vão perdendo forças e mostrando-se sem validade diante da cultura das camadas sociais exploradas.

É importante que não caiamos na ingenuidade de achar que tudo que a massa extrai da prática é feito de maneira correta e significa avanço de sua consciência de classe, gênero e raça, as vezes, não passam de visões deturpadas da realidade.

Não obstante as limitações que tem a aprendizagem espontânea da realidade pelo povo, este compreende por exemplo: o caráter explorador das empresas; a diferença que existe entre suas famílias e as famílias ricas, que se ficarem esperando por Deus nunca sairão dos barracos nem melhorarão de vida, embora esqueçam disso quando estão em algum templo religioso); o povo sabe que os governos mudam mas as coisas continuam na mesma. O que a massa não sabe é como transformar esse estado de coisas, como resolver seus problemas. Cabe então à sua vanguarda emergente, organizada e articulada pelos socialistas, estudar e sistematizar a sua prática e a da massa, buscando resolver as questões do “que fazer”.

O Movimento de Cultura Popular

Essa é uma forma de luta ideológica contribuindo para a luta política pela transformação social, visando a libertação do proletariado, e para isso utiliza a cultura popular como via de mobilização, organização e educação da massa, aproveitando a oportunidade que esse tipo de movimento oferece para atuar ao lado ou dentro dos mais diferentes setores de bairro. Objetiva à conscientização, formação ou despertar o senso crítico nas pessoas, possibilitando a estas discernir sua própria realidade, o que lhe interessa e o que se choca com os seus próprios interesses. O movimento cultural nasce com a criação de um grupo que pode ser de teatro, cine-clubes, dança, música, poesia e/ou outras formas de arte verdadeiramente assumidas e comprometidas com os moradores. Nesta primeira fase de formação, este movimento é composto apenas pelo que existe de semi-direção social (de geração espontânea) na área de trabalho.

Nós socialistas temos então a tarefa e fortalecer o grau de percepção social dos seus componentes, destruindo definitivamente as dúvidas que lhes dominam. Demonstrando por que esta sociedade e os princípios inseridos na cultura das classes dominantes (que anestesiam os proletários) só servem àqueles que a criaram. aqueles que tem as condições necessárias para se colocarem equiparados entre si, usufruindo da desigualdade, liberdade e fraternidade na exploração e opressão da massa, para o roubo do produto do trabalho. É indispensável que esta discussão seja travada numa linguagem simples e de preferência com exemplos tirados do meio conhecido pelos componentes do grupo. As discussões devem ser começadas e mantidas paralelamente à execução de alguma atividade prática pelo Movimento de Cultura Popular, pois não existe formação política sem prática política, se a teoria existe é fundamentalmente para orientar a prática. A partir daí, vai se tratando de ampliar massivamente o trabalho.

Posteriormente à fase de estruturação acima explicitada, com o grupo já formado constituindo-se na direção social dos novos trabalhos que se iniciam, partimos para a

formação de outros grupos, que se unificam no Movimento de Cultura Popular, levando em conta a abrangência do termo cultura, para o aproveitamento das mais diversas oportunidades que aparecem neste sentido e podem fazer crescer o movimento. Esta ampliação se dá muito em cima da atração que o Movimento de Cultura Popular exerce sobre os moradores, como uma alternativa de lazer e como fonte de novos conhecimentos para a melhoria do nível social.

Estes grupos podem ser de teatro, cine-clubes, poesias, dança, música, etc., falaremos agora sobre alguns deles:

1. GRUPO DE TEATRO POPULAR (Amador)

Este tipo de teatro é parte integrante da cultura popular, estando assim intimamente relacionado, o conceito de teatro popular com o nosso dia-a-dia.

“Teatro popular é aquele feito pelo povo e para ele dirigido, com linguagem, representação e conteúdos dos trabalhos facilmente entendidos por todos, incentivando a participação do povo na peça, inclusive no desfecho que ela possa ter”. Um teatro, que refletindo a realidade social em que vivemos, provoque nas pessoas o despertar do senso crítico que lhes permita encontrar soluções (mediante questionamento dos trabalhos que lhes são apresentados), que visam a melhoria das suas condições de vida.” A arte de representação não se coloca para os participantes deste tipo de teatro, da mesma forma que é entendida pelos autores, atores e atrizes do teatro Burguês. No teatro popular a representação é feita naturalmente, com a transposição do caso (fato) real que queremos representar para o palco, e este caso é representado sem ferir a interpretação que cada um de nós temos dos personagens como reflexo de nossa própria vida. Se esses casos existem em nosso meio, em nossa sociedade, temos que interpretá-lo globalmente em todos seus aspectos e à luz do que ele realmente significa nessa sociedade.

Partindo do princípio que nós queremos mesmo fazer um teatro independente das regras do teatro burguês, fica claro que os principais fundamentos para que façamos boas peças é a compreensão da realidade em que vivemos e o comprometimento com a proposta de transformação da mesma.

2. CINE-CLUBE

“É uma iniciativa dos moradores de organizar o seu próprio cinema, constituindo-se em mais um canal de integração social da comunidade, como um elo de aproximação entre os moradores, propiciando a troca de informações e o fortalecimento da solidariedade e união entre esses. O cine-clubes está aberto à entrada de todos aqueles que queiram participar, servindo como instrumento de atração e promoção do Movimento de Cultura Popular, e de lazer para as crianças e adultos”.

O cine-clubes tem por objetivo a melhoria do nível cultural e social dos moradores, conforme os objetivos gerais do movimento. Deve escolher preferencialmente filmes de ação, aventura ou humor, e que contribuam com uma mensagem de bom conteúdo social. Após a exibição do filme devemos organizar debate sobre a relação do conteúdo destes com a realidade do bairro, os problemas que sofrem os moradores e/ou o povo em geral, mostrando a necessidade de transformação social como meio de resolvê-los, e a

importância da participação de todos para a efetiva continuidade do cine-clube, procurando avaliar coletivamente o papel deste no bairro.

O Movimento de Cultura Popular deve continuar avançando nas mais variadas ações no bairro, fazendo frente à escassez de formas de lazer e cultura, depois, frente a problemas que atingem a donas de casa, desempregados, negros, etc., e frente a problemas gerais enfrentados pelos moradores.

IMPrensa COMUNITÁRIA

A maioria dos jornais de bairro existentes em Salvador não tem conseguido efetivamente uma integração com a comunidade local. Isto se deve a falta de definição do objetivo claro destes jornais, que permitam aos moradores a compreensão da importância que o jornal possa ter como canal de discussão dos interesses da comunidade.

Por outro lado, quando alguns destes jornais conseguiram alguma penetração nos bairros, esse instrumento de comunicação não tornou-se uma via de integração da comunidade para o aumento do nível de conscientização dos moradores, e na maioria dos casos limitaram-se a formar um grupo de semi-intelectuais, deslocados da vida do bairro. Portanto faz-se necessário à construção de jornais verdadeiramente populares, com um processo de total integração com os moradores.

O jornal deve ter como orientação principal para o feitiço das matérias, o enfoque dos assuntos de maior interesse para a comunidade, desde o que se refere ao lazer, esportes, cultura às reivindicações materiais e de melhores condições de vida.

Neste sentido, cabe os executores do jornal, não só reportar-se às lutas gerais que estejam sendo levadas na cidade, mas também denunciar as péssimas condições de vida da comunidade, tentando mostrar a relação destas com a situação geral do país.

Esse jornal é, na maioria das vezes, a única forma existente de troca coletiva de idéias entre os moradores. Deve-se portanto, ser de linguagem simples e direta, que permita utilizá-lo amplamente.

EDUCAÇÃO / ALFABETIZAÇÃO POPULAR NOS BAIRROS

O golpe militar de 1964 atingiu em cheio o movimento de educação popular que se encontrava em ascensão e no momento de maior ativismo dos setores populares, instituições civis e até mesmo governamentais, desde 1959.

A ditadura militar prende ou exila os principais ativistas do movimento de educação popular e extingue todas as suas entidades, deixando totalmente de lado o enfrentamento do analfabetismo no país. Em 1967 o regime militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL, que começa a atuar em 1970, ao qual é dado um prazo de 10 anos para acabar com o analfabetismo no Brasil. A ação do MOBREAL se restringia ao trabalho de pequenos grupos que atuavam isoladamente ou de grupos religiosos, não conseguindo alterar positivamente o problema do analfabetismo. Algumas modificações foram tentadas através da implantação de vários programas em sua estrutura – em 73,74,75 e 76 – mas o MOBREAL em crise, chegou ao ano de 1980 deparando-se com o número absoluto de analfabetos superior ao que existia quando de sua fundação. Os índices levantados nesse ano confirmam a existência de 30,9% de

analfabetos entre a população maior que 05 anos no Brasil e índices ainda maiores no nordeste, com a Bahia apresentando uma taxa de 49,65%.

A retomada do movimento de educação popular ocorreu junto com a reorganização do movimento popular como um todo, a partir de 1976, quando novos militantes e novas entidades foram surgindo. Entretanto o quadro que se apresentava era de grandes dificuldades. Se por um lado o problema do analfabetismo agravou-se com o fracasso das iniciativas oficiais, por outro, os poucos círculos de educação popular existentes encontravam novas dificuldades: não mantinham intercâmbio de experiências devido as precauções em relação a repressão política e/ou às concepções autonomistas de seus orientadores; carência de um projeto geral de educação popular para enfrentar globalmente a questão do analfabetismo; a desmotivação de parcelas dos analfabetos, provocada pelo descrédito na experiência do MOBREAL; falta de espaço físico para criação de novos círculos; falta de financiamento para a manutenção dos círculos em funcionamento.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE EDUCAÇÃO POPULAR

A enorme faixa de analfabetos da população encontra-se quase que inteiramente à margem da vida da nação. Não lêem, não escrevem, não votam, raramente participam de atividades políticas, não podem ascender a melhores condições de trabalho. São portanto milhões de brasileiros, trabalhadores e explorados postos à margem da história e da vida política do país.

O trabalho de educação popular objetiva arrancar das garras do analfabetismo e da alienação esse contingente da população, promovendo um processo de qualificação e conscientização que além do aprendizado da escrita e da leitura, permita-lhes compreender a estrutura da sociedade em que vivem; a importância do trabalhador como sujeito transformador da realidade; A necessidade de organização dos setores populares para a obtenção de conquistas sociais e políticas e para a construção de uma sociedade livre e igualitária.

A análise de um sistema educacional está intimamente ligada à análise da estrutura política e econômica da sociedade em questão, portanto, nosso projeto de educação popular em sua elaboração e implementação prática considera o antagonismo entre classes existente em nosso país. Neste sentido, enfatizamos duas orientações gerais:

Em relação aos monitores dos círculos de educação, estes devem ser orientados e assistidos coletivamente propiciando o intercâmbio de experiências, o debate de propostas, o processo de formação política, ressaltando o papel que desempenham como vanguarda, e agentes multiplicadores desse projeto.

Em relação aos alfabetizandos, esses devem ser assistidos pelos monitores objetivando ampliar sua inserção na sociedade, fomentando a discussão sobre a realidade política da cidade, do estado, do país e a participação na associação, movimentos e grupos comunitários.

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO POPULAR

1º FASE: Formação de Monitores – No processo de seleção dos candidatos a monitores, devemos discutir a nossa proposta de educação popular, a necessidade de

politização e o compromisso deles com uma prática concreta de aprendizagem dos alfabetizandos como sujeitos capazes de alterar a realidade política e social.

Os cursos de formação devem ser ministrados no período de 10 a 15 dias, contemplando a discussão dos seguintes temas: a estrutura da sociedade brasileira; história das lutas dos trabalhadores por uma sociedade igualitária; estrutura do método alfabetizador; importância da organização e mobilização popular.

Ao final do curso faz-se a avaliação do nível de aprendizagem, identificando carências e necessidades para serem tratadas nas reuniões semanais de acompanhamento dos círculos, dando continuidade à formação dos monitores. Nessas reuniões serão relatadas as atividades, as experiências e as dificuldades encontradas em cada círculo.

2º FASE: A Constituição dos Círculos – Antes da criação de um círculo de educação e alfabetização, os monitores devem fazer uma pesquisa com a população sobre a realidade concreta da comunidade, e elaborar a partir desses contatos um vocabulário contendo parte do linguajar cotidiano dos moradores. A pesquisa serve para subsidiar as discussões no círculo, estabelecer o contato direto entre o monitor e sua base de alfabetizandos, para a definição a partir do vocabulário local das “palavras geradoras”² a serem utilizadas na aprendizagem da leitura e da escrita.

Iniciado o círculo de educação e alfabetização, os monitores devem ter como preocupações permanentes na continuidade do trabalho: garantir a participação de todos os alfabetizandos no processo de discussão, como condição essencial para uma aprendizagem conscientizadora; refletir com os alfabetizandos na interpretação dos fatos políticos e do cotidiano; estimular a confiança no grupo e deste em cada membro, para se contrapor ao clima de demasiada expectativa dos alfabetizandos em torno da aprendizagem da escrita.

O MÉTODO DE EDUCAÇÃO POPULAR

O método do professor Paulo Freire³ preenche nossa necessidade de uma linha programática, propondo um processo de aprendizagem que ao mesmo tempo que alfabetiza desperta nos alfabetizandos uma compreensão crítica do mundo.

Sobre a nossa experiência com a aplicação desse método, destacamos dois pontos em relação à sua estrutura lingüística: o primeiro diz respeito à forma de assimilação do código lingüístico. Compreende-se que as palavras, a linguagem escrita, são completamente estranhas ao analfabeto – enquanto a linguagem falada não. Se apresentamos ao analfabeto um objeto concreto, uma cadeira, ele o percebe em seu conteúdo físico porque conhece sobremaneira o objeto. O objeto também se torna por ele percebido se apresentado na forma da linguagem oral, ou de desenho. Isso porque os códigos utilizados na fala – obrigatoriamente apreendidos desde a infância – bem como o desenho – representação automática do objeto – fazem parte da convivência dos indivíduos que falam a mesma língua. Já a linguagem escrita, requer a compreensão do significado do seu código. Assim, a cadeira em sua forma real, representada na forma verbal, no desenho e na forma escrita, são expressões das diversas formas de percepção das coisas.

² Conforme método de alfabetização popular do professor Paulo Freire.

³ A Mensagem de Paulo Freire, teoria e prática de libertação. 1977 Biblioteca Nova Crítica, Edição de textos selecionados pelo INODEP.

Apreende-se então a forma escrita da cadeira de maneira mais rápida, tendo-a como símbolo completo e unificado, o qual para compreensão do vocabulário lingüístico deverá ser decomposto em suas partes: as letras. Assim, no processo de percepção inicial, o analfabeto deve compreender a palavra não como resultado da junção das letras (C-A-D-E-I-R-A) mas como um símbolo completo que tem na sua composição as letras.

Esse processo, além de evitar a confusão com a “mistura” dos símbolos gráficos (I) permite também, a compreensão da diversidade fonêmica de nossa língua.

PROCESSO USADO:

- I. Percepção, apreensão e compreensão da palavra em sua totalidade:

CADEIRA

- II. Apresentação da palavra dividida em suas sílabas:

CA-DEI-RA

- III. Identificação das letras que a compõem:

C-A-D-E-I-R-A

Esse processo se dá, logicamente após o processo de discussão e apreensão real de cada palavra (conscientização) e se concretiza independente do limite de tempo, a partir do cumprimento de cada item anterior.

O outro ponto que destacamos, é a apresentação das famílias (sílabas) nas fichas de descoberta. O professor Paulo Freire na página 55 do citado livro, apresenta na ficha as famílias na ordem das vogais: ta-te-ti-to-tu, já-je-ji-jo-ju, e la-le-li-lo-lu, o que leva a uma apreensão decorada das sílabas, já que seguem a mesma ordem das vogais: a-e-i-o-u. Uma percepção contrária se dá com a apresentação desordenada das sílabas de forma que a aprendizagem se efetive a partir da real percepção delas.

Essa proposta de linha de educação / alfabetização popular, representa a continuidade do processo de discussão e da prática de educação desenvolvidos pelos nossos círculos de alfabetização.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

No quadro atual da sociedade brasileira o confronto de interesses entre explorados e exploradores se acirra cada vez mais. À medida em que o capitalismo avança baseado na super-exploração das classes trabalhadoras, a situação de vida e trabalho da maioria do povo vai cada vez mais se deteriorando. Assim, como resultado do desenvolvimento capitalista, os bairros periféricos habitados pelo proletariado encontram-se abandonados, com a quase inexistência de saneamento básico; carência de escolas; posto médico; serviço de transportes coletivos deficiente, etc. As péssimas condições de vida fazem com que o povo comece a se associar e unificar-se para procurar soluções para os mais variados problemas em seu local de moradia.

É assim que surgiram há algum tempo as Sociedades Benéficas ou de Amigos do Bairro, que através da ajuda mútua superavam alguns problemas mais imediatos. Ao mesmo tempo, com o avanço do capitalismo, o êxodo rural e das pequenas cidades para as grandes, cresce o número de pessoas que ficam desempregadas ou com renda inferior ao mínimo necessário para sobrevivência passando a ocupar ou invadir áreas

onde não existem qualquer infra-estrutura, vivendo em condições de miséria. Desta forma vai se ampliando paulatinamente o papel das Sociedades Beneficentes como via de resolução dos problemas que atingem os bairros, questionando o abandono a que estes estão submetidos, unindo parcelas mais numerosas dos moradores em pró de suas lutas diárias, reivindicando dos poderes públicos soluções imediatas. A partir dos primeiros resultados obtidos, proliferou-se essas entidades com a finalidade de promover a luta por condições dignas de vida para o povo.

É importante destacar estas entidades pelo seu caráter de organizações de massas e de representação dos moradores nas diversas comunidades.

Foi exatamente pela atuação destacada que tiveram no passado e por sua representatividade nos bairros que as Sociedades Beneficentes se tornaram cobiçadas pelos políticos oportunistas que investiram no controle delas e obtiveram “lucro político”, usando as sociedades e seus dirigentes/cabos eleitorais, como degraus de sua ascensão política. Esse tipo de cooptação contribuiu bastante para que as Sociedades assumissem outro papel que não o original.

As Sociedades que não foram cooptadas, mantiveram a sua independência e a luta em defesa das comunidades, contudo, a partir da instalação do golpe militar de 1964, foram vítimas de intervenções e intensa repressão junto com todo o movimento operário e popular.

As lideranças populares foram substituídas por dirigentes pelêgos, e as Sociedades Beneficentes passaram somente a promover jogos, festas e a propaganda oficial da ditadura militar, com seus slogans do “Brasil potência emergente”, “Ame-o ou deixe-o”, etc. Durante muito tempo esta situação se manteve, e apenas a partir da segunda metade da década de 70, com a reanimação do movimento popular, o papel das Sociedades/Associações começou a ser recuperado com a retomada dessas entidades das mãos dos pelêgos, ou a criação destas em novas áreas, como instrumentos de luta pelos interesses populares.

FUNDAÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES - Neste caso não temos formulas prontas, considerando que as condições para a formação da entidade variam de acordo com cada local. Em qualquer caso, devemos evitar que elas reproduzam relações sociais burguesas, com a formação de chefes locais, autoritarismo, manipulação, cupulismo, desrespeito as decisões da maioria, etc.

Ao contrário devemos buscar a maior participação possível dos moradores, organizando, mobilizando, educando a massa, e fortalecendo o caráter ideológico (unidade de classe) da Associação.

Esta entidade deve ser construída a partir das necessidades concretas sentidas pelos moradores, se constituindo em um fórum que unifique os interesses de todos os que habitam o bairro, transformando-se no canal de expressão geral da comunidade, reconhecida por sua representatividade e função como o maior e mais poderoso instrumento de luta por melhores condições de vida no bairro.

A Associação deve ser democrática, permitindo a livre participação dos moradores independente de crenças, raças ou filiação partidária. Cabe-lhe definir e encaminhar as reivindicações, do bairro, denunciando os entraves que o governo coloca para o atendimento destas, e mobilizando amplamente os moradores em torno de suas lutas.

Os momentos de grande mobilização nas lutas devem ser bem aproveitados para a discussão da natureza política dos obstáculos existentes / alegados pelo governo para a

resolução das reivindicações, a relação dos problemas enfrentados com a situação das classes trabalhadoras no país; desmascarando as atitudes tomadas pelo governo e contribuindo decisivamente para despertar a consciência de classe dos moradores.

A discussão política com os moradores deve ser desenvolvida com base em exemplos de fatos concretos de conhecimento da comunidade e que incidem ou incidiram diretamente na vida dos moradores.

É importante o aproveitamento máximo das mobilizações e lutas travadas, desenvolvendo uma política que priorize a formação da consciência de classe das parcelas mais avançadas das massas, ampliando e qualificando a participação na Associação, extraíndo saldo político e orgânico. Nesse sentido, é de fundamental importância que durante e após cada luta encaminhada seja buscado o engajamento de novas pessoas nas comissões de trabalho da entidade, procurando estimulá-las e capacitá-las para assumirem a condição de militantes.

A estrutura orgânica das Associações deve contemplar a formação de Comissões de trabalho específicas (Comissões de mulheres, negros, educação, saúde, esportes, etc.) para viabilizar a intervenção nessas áreas e dar direção às respectivas lutas e reivindicações, ampliando dessa forma o espectro de atuação da entidade. Isto contribui com a implementação do objetivo de buscar permanentemente a organização dos moradores em torno do conjunto de suas necessidades.

Um dos aspectos fundamentais para a constituição da Associação como entidade representativa máxima dos moradores é a não permissão e o combate às tentativas de aparelhamento ou partidização das mesmas. Compreendemos que a Associação deve se constituir num organismo independente de organização dos moradores, não podendo servir de correia de transmissão de interesses pessoais ou partidários que possam dividir a comunidade ou anular o papel da entidade.

ASSOCIAÇÕES ATRASADAS - Nossa relação com esse tipo de entidade não é de negação do seu papel na comunidade. Nossa política objetiva a conscientização dos moradores para associarem-se à Associação, e junto com eles pressionar a direção atrasada para democratizá-la, fazendo com que esta represente amplamente o bairro e os anseios coletivos. Devemos discutir a função da Associação como instrumento de luta para a melhoria das condições de vida, encampando as reivindicações dos moradores, combatendo o cupulismo, sendo capaz de aglutinar um número cada vez maior de pessoas que participem de cada processo de luta desencadeado e nas tomadas de decisões.

É fundamental que a intervenção em Associações originalmente atrasadas seja acompanhado da mais íntima relação com o conjunto dos moradores, considerando que é a organização deles na entidade o nosso principal objetivo e que é esta relação que nos dá a garantia do respaldo, contra um possível choque de posições com a direção atrasada

ASSOCIAÇÕES PELEGAS - Em relação a estas entidades, vinculadas ao poder público e/ou políticos de direita, devemos ter uma postura ofensiva denunciando a falta de independência de suas direções, desmascarando-as como currais eleitorais e atreladas à vontade governamental e conseqüentemente, sua falta de compromisso com os anseios populares. Nosso trabalho, voltado para a mobilização dos moradores para a conquista

de sua cidadania plena levará ao isolamento e desgaste da direção pelega, nos colocando de forma efetiva como alternativa de direção representativa da comunidade.

ASSOCIAÇÕES FANTASMAS - Outro “fenômeno” que tem ocorrido é a utilização de associações de bairros “fantasmas”. Este mecanismo por vezes é utilizado por oportunistas de direita e por algumas correntes de esquerda a exemplo do PC do B, para aumentarem seu poder de barganha nas ante-salas dos órgãos públicos ou para intervenção e ampliação da influencia em entidades gerais como FABS e a CONAM – Confederação Nacional de Associações de Moradores. Estas Associações existem exclusivamente no papel, não tendo funcionamento real e são utilizadas apenas para garantir votos dos delegados, nas entidades gerais. Isto tem contribuído de forma incisiva para a “inchação” das entidades gerais, criando uma situação artificial que não representa a realidade do movimento, e tampouco a efetiva correlação de forças.

ENTIDADES GERAIS DO MOVIMENTO DE BAIROS

Até 1964 existiu em Salvador uma Federação de Bairros, contudo esta entidade não possuía em conteúdo político que expressasse plenamente os interesses dos moradores dos bairros populares. Após o golpe militar de 64, essa federação foi extinta e criou-se o COPEB - Conselho de Presidentes de entidades de Bairros, entidade controlada pelos poderes públicos (governo) e patrões da indústria através do SESI - Serviço social da Indústria.

Procurando articular os Presidentes das entidades comunitárias, ao invés de articular Associações de Moradores, o COPEB desenvolveu uma política de troca de favores com o claro objetivo de desmobilizar os moradores dos bairros populares, e atrelar os movimentos e ações comunitárias à sua política assistencialista. Por sua natureza, e sem interesse na organização e mobilização, o COPEB não conseguiu ser a entidade articuladora e representativa dos bairros, extinguindo-se posteriormente.

Em 1978 surgiu o Trabalho Conjunto dos Bairros, como primeira alternativa independente (após o golpe militar) de organização dos movimentos comunitários em Salvador. O Trabalho conjunto dos Bairros - TCB não estabelecia como base de sua composição as entidades gerais representativas do conjunto das comunidades como as Associações de Moradores, representando também grupos culturais, grupos de jovens, clube de mães, etc. O estabelecimento de voto e peso político igual para representatividades diferentes; além dos erros e equívocos que marcaram a sua estruturação e ação política, inviabilizou o Trabalho Conjunto dos Bairros como a entidade de articulação do movimento de bairros em Salvador e, depois de esvaziar-se, terminou extinguindo-se em 1981.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIROS DE SALVADOR - FABS

A FUNDAÇÃO DA FABS - No primeiro semestre de 1979 algumas Associações, preocupadas com a necessidade de articulação permanente dos bairros populares e com o fortalecimento das lutas levadas em cada um destes, realizaram um encontro de Associações onde se discutiu as experiências anteriores de articulação - procurando aprender com todo processo de erros e possíveis acertos dessas experiências, ensinamentos que servissem para a construção e ação de uma entidade que efetivamente representasse o Movimento de Bairros.

Uma entidade geral dos bairros somente seria representativa se a sua base se compusesse de entidades representativas de várias comunidades, compreendeu-se que só uma Federação das Associações de Bairros de Salvador teria condições de atender às necessidades de organização, mobilização e representação do movimento de bairros. decidindo-se então, pela fundação da Federação das Associações de Bairros de Salvador – FABS em 30 de setembro de 1979.

O OBJETIVO DA FABS

A FABS não visa interferir no direcionamento dos trabalhos existentes em cada bairro, mas sim fortalecer as lutas e a capacidade de organização e mobilização do povo nos bairros via as Associações de Moradores, promovendo a troca de experiências entre estas entidades, a unidade dos bairros em torno das lutas e reivindicações comuns a todos eles, além do apoio às lutas particulares de cada bairro. A FABS encampa também a luta para que esteja sob controle dos trabalhadores a elaboração e aplicação do orçamento público de Salvador, o direcionamento e realização da política social no Município, além de procurar garantir, através de diversas formas, o apoio e solidariedade a todas as lutas do povo, lutando para que os trabalhadores conquistem o poder político no município e no país.

MOVIMENTO DE DEFESA DOS FAVELADOS - MDF

HISTÓRIA - O MDF surgiu em São Paulo, no ano de 1982 como resultado da organização de várias entidades de favelas em torno de uma proposta de luta comum. Desde o início foi forte a influência dos setores da igreja católica ligados às comunidades eclesiais de base. Estes setores influenciaram muito a linha política e a construção do instrumental necessário à existência do MDF.

A nível nacional o MDF constituiu-se em 17 estados tendo realizado até 1993, data do seu último Congresso, 12 Congressos Nacionais. Em 1995 existia em 6 estados efetivamente (AL, BA, PR, MG, MA). com varias dificuldades e possuindo “rachas” em alguns outros (SP, RJ, RN).

Este quadro revelou uma séria crise que se agravou continuamente, revelando uma profunda desorganização do movimento a nível nacional e nos estados, provocando primeiro a sua atomização e posteriormente a extinção.

De modo diverso que outros movimentos, a executiva nacional era representada por um Estado no intervalo entre um congresso e outro. Este intervalo depois passou a ser de um ano, porém, em 1994 o Congresso (marcado para Recife), não foi realizado. A coordenação nacional era composta por 2 membros de cada estado.

O MDF na Bahia surgiu em 1983 e se constituiu a partir de uma dissidência da FABS - Federação de Bairros de Salvador, conduzida por duas associações de moradores a do Calabar e de Novos Alagados, que com o apoio de representantes de Comunidades Eclesiais de Base - CEB'S construíram o, novo movimento.

Nos 4 primeiros anos o MDF teve uma intensa atuação e polarizou com a FABS a disputa pela representação dos Bairros de Salvador. Neste período o MDF se especializou em articular comunidades novas e/ou carentes (as ocupações / favelas), enquanto a FABS reunia em torno de si bairros consolidados.

A CRISE - A partir de 1987, e notadamente em 1988, o movimento atravessou uma séria crise fruto do choque entre as principais lideranças do Calabar e de Novos Alagados, que foi agravado pela disputa política para lançamento de candidaturas à Câmara de Vereadores.

Desde a sua fundação o MDF foi hegemônico politicamente por lideranças personalistas que conduziam o movimento com rédea curta, impedindo o surgimento de novas direções. Com a crise e a posterior reorganização do MDF após a saída do Calabar, novas lideranças precisaram ser forjadas no processo para poderem representar o movimento e administra-lo.

Nesse momento entra em cena a Comissão de Justiça e Paz - CJP que desempenhou um papel muito importante na história do MDF baiano. Ela reforçou o papel coordenador da Igreja Católica no seio do movimento. Este papel tinha sido até então cumprido pelo Padre Confa, figura carismática que teve um papel fundamentalmente assistencialista em relação ao movimento.

A CJP passou a dar assessoria ao movimento, papel que já cumpria de forma esporádica e depois passou a ser permanente. Esta assessoria no entanto imprimiu um ritmo ao MDF que tinha como objetivo direcionar o movimento para os caminhos que mais interessava a igreja conduzindo-o a novos conflitos.

As novas lideranças que emergiram no processo buscaram a afirmação política e lançaram-se à disputa de espaço com as antigas lideranças. Para garantir a unidade do MDF, a CPJ interferiu no processo decisório do movimento provocando o choque com as lideranças de Novos Alagados.

Essas lideranças emergentes, apoiadas pela assessoria, entraram em contato com outros movimentos: CMP - Central de Movimentos Populares, MNLM - Movimento Nacional de Luta pela Moradia, ANSUL - Articulação nacional de solo Urbano. A relação com as referidas entidades reforçou o peso político das novas lideranças permitindo logo depois que estas se libertassem da influência da Assessoria e dos antigos líderes. Neste momento, o MDF após muita relutância, passou a encampar a pró-central de Movimentos Populares na Bahia.

O fim desta nova crise se deu em 1992 com o afastamento da CJP e a vitória nas eleições do movimento de uma chapa formada apenas pelas novas lideranças.

Entre 1995 e 1997 novamente enfraquecido e bastante desarticulado, fracassaram as últimas tentativas de soerguimento do MDF.

CENTRAL DE MOVIMENTOS POPULARES

1. OS MOVIMENTOS POPULARES HOJE

O Brasil é hoje, um dos países que concentram maior número de movimentos, organizações e lutas populares. Multiplicam-se por toda a parte movimentos por terra, moradia, saúde, saneamento, transporte, creches, direitos humanos, associações, uniões e federações comunitárias de bairros, de favelas e de cortiços, movimentos negro, de mulheres, de meninas e meninos de rua, de catadores de papel e papelão, de prostitutas, de vítimas da Aids, de homossexuais, de portadores de deficiências, de índios, de cooperativas de produção e consumo (habitação, costura, pão, compras comunitárias, etc. \), escolas comunitárias, movimentos ecológicos, etc. São formas de organização que buscam a conquista e a defesa dos direitos coletivos.

Há, no entanto, grande diversidade de práticas e de concepções entre esses movimentos. Existem diferentes níveis de organização, de clareza quanto aos objetivos, de democracia interna, de autonomia em relação o Estado, às igrejas, aos partidos e a outras instituições. Há grande diversidade política e cultural entre os Movimentos Populares. À medida em que se constrói a democracia amplia-se o leque de pluralidade dos movimentos da sociedade civil.

2. OBJETIVO E PRINCÍPIOS DA CMP

A Central de Movimentos Populares quer construir-se como pólo que aglutina setores dos Movimentos Populares com uma identidade comum de práticas e concepções. São aqueles movimentos que participam na implementação de um projeto democrático de sociedade, que supere as opressões econômicas, políticas e culturais. Para isso, a Central deverá contribuir na qualificação desses movimentos como sujeitos políticos democráticos e autônomos, que ocupem o papel de interlocutores junto ao Estado e a outras esferas da vida nacional, construindo, propondo, disputando e participando da gestão de políticas públicas coerentes com o projeto de sociedade que defendem. Devem os movimentos tornar-se sujeitos de uma nova cultura social e política, buscando fundamentar-se em alguns princípios básicos:

2.1. Autonomia - Os movimentos não devem estar submetidos a partido, sindicatos, igrejas, órgãos públicos, grupos políticos e econômicos. Isso não significa ausência de relações com parceiros, aliados, adversários e até mesmo com setores “não organizados”, mas que o poder de decisão esteja em mãos dos próprios movimentos;

2.2. Democracia - Cada movimento deve assegurar a todos os seus membros acesso à informação, aos debates e o direito de participar das decisões e da realização de suas atividades. Devem também ser respeitadas as decisões internas, a pluralidade cultural e a forma de organização de cada movimento;

2.3. Representatividade - As entidades não devem ser apenas cartoriais, mas representantes dos reais interesses dos movimentos. As direções devem ser eleitas de forma a serem representativas das bases do movimento.

2.4. Ser de base - O movimento deve ter um trabalho organizado capaz de qualificar sua participação na luta coletiva e evitar o distanciamento entre direção e base.

2.5. Ser de massa - o movimento não deve reduzir-se a um pequeno número de pessoas, mas buscar envolver o máximo de interessados, a fim de fortalecer a luta popular;

2.6. Ser classista - Os movimentos devem lutar pelos direitos e as demandas das classes populares, de forma a contribuir para a construção de uma sociedade sem opressão econômica, política e cultural;

2.7. Ser combativo - Lutar pelos interesses populares sem curva-se ao clientelismo ou a cooptação de grupos econômicos ou políticos;

2.8. Solidariedade - Os movimentos devem cultivar e preservar o valor da solidariedade, apoiando-se mutuamente para contribuir nas realizações coletivas de cada movimento.

Estes são valores que devem orientar a ação dos movimentos que desejem construir uma caminhada conjunta de busca cotidiana de uma nova sociedade.

3. DESAFIOS DO MOVIMENTO POPULAR HOJE.

Além desses princípios, a Central de Movimentos Populares considera como desafios a serem superados pelos Movimentos Populares:

3.1. - superar o corporativismo, o imediatismo e o estágio meramente reivindicatório;

3.2. Articular as lutas imediatas com objetivos estratégicos;

3.3. Capacitar-se para transformar o acúmulo obtido com as lutas em propostas políticas para a sociedade;

3.4. - Preparar-se para disputar estas propostas com outros setores e participar da gestão democrática da sociedade;

3.5. - Superar a fragmentação e o isolamento entre os movimentos. É sobretudo aí que se coloca o desafio e a necessidade da articulação e se insere a proposta de uma central de Movimentos Populares.

Na medida em que esses desafios forem superados, estaremos construindo um movimento democrático, autônomo, articulado e propositivo que terá um papel estratégico como sujeito político na construção e implementação de uma sociedade democrática, sem explorações. Uma sociedade justa, digna, sem discriminações de raça, de sexo, de idade ou de religião, sem miséria nem marginalização. Uma sociedade onde todos tenham acesso aos serviços de saúde, ao saneamento básico, à educação e à cultura, ao lazer, à moradia digna, à ciência e à tecnologia. Uma sociedade onde todas as pessoas tenham iguais oportunidades e direitos, alimentação adequada, e na qual o trabalho doméstico seja partilhado, o ecossistema preservado e a subjetividade valorizada. Esta sociedade socialista que queremos construir deve pautar-se pela conquista da igualdade econômica, da igualdade de direitos e de pluralidade ideológica, na qual o trabalhador tenha procedência sobre o capital, a pessoa sobre a mercadoria, os direitos coletivos sobre os direitos individuais, e os cidadãos sobre o estado.

Para contribuir com tal projeto de transformação, precisamos construir um Movimento Popular à luz dos princípios acima assinalados um movimento que resista ao projeto neoliberal e proponha políticas públicas para responder às necessidades da população excluída dos bens de consumo, culturalmente discriminada e economicamente oprimida.

Entendemos pois, que a relação do Movimento Popular com o movimento sindical, os partidos, as igrejas, as ONGs e outras entidades deve ser de complementaridade, nunca de inferioridade, atrelamento ou submissão. Queremos conquistar um espaço democrático onde se possa exercer a soberania popular. Isto inverte a relação historicamente predominante do Estado com a sociedade, marcada por práticas de exclusão, formas de tutela e mando. O pólo de decisão e criação deve estar na sociedade civil organizada, principal construtora de um Estado a serviço dos interesses coletivos.

4. CARÁTER E PAPEL DA CMP

Quanto ao caráter da Central, predominam duas posições distintas. Uma acentua mais o caráter de articulação, outra de direção. Claro fica, entretanto, que os movimentos lutam de maneira articulada, avançam na mesma direção. e ao definirmos democraticamente uma direção para as suas lutas, agirão de maneira articulada em sua implementação. Nesse processo de construção da Central ela não deve atuar na perspectiva de se tornar a direção dos movimentos específicos (saúde. moradia, etc.).

A Central deve ser formuladora de políticas junto os movimentos populares, apontando caminhos globais para as lutas, cabendo aos movimentos específicos definirem suas políticas.

Considerando a extensão territorial do Brasil, percebe-se o papel estratégico da Central de Movimentos Populares para organização da sociedade civil em nosso país, tendo em vista a construção da democracia. Cabe aos próprios movimentos populares organizarem a central, nesse sentido, esta entidade pode ser um importante fator de estímulo à organização e apoio aos movimentos que, em certas regiões, carecem de condições para resistir às pressões políticas e policiais; de vínculo com entidades internacionais; de representatividade a nível nacional; e de interlocutora no diálogo com autoridades públicas.

Entretanto, a Central não pode jamais pretender ser a única representante dos movimentos populares, nem substituí-los em sua representatividade ou pretender enquadrá-los numa estrutura única.

Durante todo o processo de construção da Central, definiram-se suas principais tarefas:

- Articular os diversos movimentos e unificar suas lutas;
- Estimular o trabalho de base na organização do Movimento Popular;
- Qualificar o movimento para que seja capaz de elaborar e propor políticas públicas, superando o estágio reivindicatório;
- Qualificar o movimento para fortalecer suas formas de mobilização, de organização e de formação;
- Incrementar a formação de militantes;
- Contribuir para erradicar a dominação cultural (machismo. racismo, e outra formas de discriminação).

5. ESTRUTURA DA CENTRAL DE MOVIMENTOS POPULARES

5.1. Plenária - Instância máxima da Central de Movimentos Populares, dela participam representantes e/ou delegados dos movimentos vinculados à Central, bem como membros das coordenações nacionais/estaduais/municipais. A plenária Nacional foi que definiu os rumos da Central, elegeu a coordenação Nacional e seus assessores. bem como determinou as etapas de construção da Central. As plenárias se realizam a nível nacional, estadual e municipal;

5.2. Coordenação Nacional - eleita em plenária nacional, é integrada por 1 representante e 1 suplente de cada Estado que realizou a Plenária;

5.3. Executiva Nacional - É eleita pelo congresso Nacional e é composta por um representante de cada região do país (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste), e mais dois outros estados.

5.4. - Secretarias - Finanças, formação, políticas sociais, relações internacionais, imprensa e comunicação.

5.5. - Comissões Temáticas - Têm a função de formular propostas políticas tecnicamente consistentes para serem levadas aos fóruns e plenárias;

5.6. Fóruns - Espaços de discussão política sobre os eixos de luta e de elaboração de políticas públicas alternativas, aberto à toda sociedade civil, com caráter indicativo e não deliberativo.

RELAÇÃO DO MOVIMENTO DE BAIROS COM OS NÚCLEOS E DIRETÓRIOS ZONAIS DO PT

Desde a fundação do PT os militantes do movimento de bairros tem se colocado entre os principais sustentáculos do Partido dos Trabalhadores. Principalmente nos grandes centros urbanos esses militantes vem ampliando o espaço e a receptividade do PT junto aos moradores dos bairros populares e ganhando novos militantes, servindo como uma fonte alimentadora do partido. Grande parte dos Diretórios Zonais e núcleos por local de moradia têm se constituído a partir dos referências do Movimento de Bairros existentes na região.

Entretanto, tem surgido uma série de problemas e dificuldades, por parte de setores da esquerda, no que diz respeito à compreensão do processo de construção partidária a ser adotado nestes casos, bem como as formas de relação do partido com o movimento. Algumas forças políticas que atuam no PT (incluindo a igreja) consideram que suas atuações regulares como militantes dos movimentos, por si só representa a construção do PT, não investindo efetivamente na organização e estruturação do partido. Justificam os erros e fracassos de suas políticas de construção partidária, alegando a necessidade de atender, prioritariamente, à dinâmica do movimento.

Devido a uma compreensão simplista e superficial da questão, estas forças priorizam exageradamente a intervenção nos movimento sociais, procurando desenvolver mobilizações e lutas que nem sempre contribuem de forma concreta, para o avanço do nível de organização e conscientização dos moradores. Não compreendem na prática a importância da organização partidária para a elevação da consciência política de classe dos militantes do movimento de bairros. Normalmente, o “movimentismo” adotado por estes setores têm como objetivo maior a exteriorização do movimento como propaganda de cada corrente política; forjam “lideranças” com acúmulo político-ideológico limitado pela utilização de um “vanguardismo” elitista, que mantém nas mãos de um grupo fechado de “intelectuais” todo o controle e direção da luta, impedindo, ainda que involuntariamente, o surgimento de uma vanguarda emergente de fundamental importância para o fortalecimento e consolidação do trabalho desenvolvido.

Este tipo de prática leva, inevitavelmente, a um processo de instabilidade e desequilíbrio no trabalho desenvolvido nos bairros, gerando períodos de intensa movimentação (nos quais muitas vezes conquista-se algumas reivindicações imediatas), seguidos por períodos de desmobilização e aquietação provocados tanto pela conquista de reivindicações imediatas (que não foram devidamente acompanhadas por uma boa dose de politização), quanto pelo fracasso do processo reivindicatório. Esta prática, na verdade, leva o movimento a andar em círculos ao invés de levá-lo a caminhar, de forma cada vez mais segura, rumo à conquista de uma sociedade socialista.

Outra consequência desta prática equivocada é a secundarização do importante papel a ser desenvolvido pelo Partido dos Trabalhadores no processo de acúmulo de forças para

um processo vindouro de ruptura revolucionária. No que se refere especificamente à construção dos organismos do partido nos bairros populares, os Núcleos por local de moradia e Diretórios Zonais, a política adotada por estas forças é a de mante-los com funcionamento precário, à sombra dos movimentos sociais, impedindo que o PT tenha vida própria, e a formação de uma militância partidária real, considerando que a maioria desses petistas militam nos movimentos específicos, assumindo eventualmente atuação no partido. Segundo esta visão, os diretórios e núcleos só precisam funcionar em períodos pré-convencionais e, no máximo, em períodos eleitorais.

Essa concepção implica, entre outras coisas, numa tentativa de transferir mecanicamente a função do Partido como organismo político mais avançado e preparado, contrapondo-se ao sistema capitalista, e na defesa de um projeto político socialista, para os movimentos sociais; deseducando os trabalhadores e contribuindo para o fortalecimento das concepções espontaneístas, atrasadas ou reformistas.

Consideramos que em nossa atuação nos bairros devemos aplicar uma política que garanta o crescimento e fortalecimento tanto das Associações de Moradores, quanto das instâncias locais do PT. Para a viabilização desta política é de fundamental importância a correta compreensão sobre o papéis distintos do movimento de bairros e do Partido político.

É evidente que, para viabilizarmos esta relação garantindo o investimento no funcionamento do PT e do movimento, necessita-se de militantes. No que pese reconhecermos a carência de militantes nas áreas, defendemos a racionalização do potencial dos militantes de cada área, adotando uma política de distribuição de tarefas que garanta a viabilização dessas tarefas. Precisamos definir prioridades no processo de divisão de tarefas, destacando determinados militantes para uma atuação prioritária, mas não exclusiva, na condução e direção do movimento de bairros na região, e companheiros que tenham como principal tarefa o assumimento do Partido, tendo uma participação secundária no direcionamento e articulação do movimento. Mesmo compreendendo que em determinados locais não é possível uma aplicação imediata e rígida destes critérios, devemos trabalhar na perspectiva de criar as condições para a implementação desta política.

Esta é sem dúvida a única forma de garantir o pleno funcionamento e o crescimento qualitativo tanto do PT, quanto do Movimento de Bairros, evitando assim, a constante prática de abandonar o Partido no período de intensificação da lutas reivindicatórias, se voltando para o mesmo no período pré-convencional ou eleitoral, e abandonando o movimento.

FUNÇÕES DOS DIRETÓRIOS E NÚCLEOS DO PT

Aos diretórios e núcleos do PT cabe as tarefas de politizar e articular o conjunto de filiados, mantendo-os informados sobre as atividades gerais, lutas e campanhas desenvolvidas na região; estimular a população a participar das entidades representativas; colocar “na rua” o conjunto de propostas conjunturais do PT, bem como o projeto político de emancipação das classes trabalhadoras e construção de uma sociedade socialista. Neste sentido, é importante que o diretório assuma o papel de Direção política do partido na região coordenando os núcleos existentes, e estimulando o surgimento de outros.

I. Principais tarefas do diretório:

- Assumir o papel de direção partidária na região;
- Articular e coordenar as atividades dos núcleos;

- Criar comissões de trabalho permanente (comissões/secretarias);
- Manter um boletim informativo para o conjunto de filiados, informando sobre as principais questões conjunturais e propagandeando o socialismo;
- Promover atividades que exteriorizem a presença do partido na região (pichações, planfletagens, mini-comícios, grandes debates, etc.);
- Lançamento de notas apoiando as lutas travadas pelo movimento de bairros na região;
- Assumir as tarefas de educação e formação política da direção emergente do movimento de bairros.

II. Principais tarefas do núcleo por local de moradia:

- Manter contato constante com os filiados da área, sendo o elo de ligação do filiado com o Partido;
- Fazer a distribuição dos Boletins zonais/estaduais/nacionais e outras publicações de forma organizada e sistemática;
- Recolher contribuições dos filiados e promover outras formas de finanças;
- Promover atividades que contribuam para a politização, consciência de classe e integração dos filiados (projeção de slides, filmes, festas, debates, palestras, etc.);
- Estimular o processo de criação de Associações de Moradores onde ainda não existam;
- Acompanhar cada luta desenvolvida pela Associação, estimulando os filiados a participarem da entidade. Manifestar solidariedade apoiando publicamente as lutas, tanto nas assembléias de moradores quanto nas mobilizações e manifestações de rua, colaborando na articulação e desenvolvimento das lutas.